

JOSÉ HAMILTON RIBEIRO

Entrevistadores: Carla Siqueira e Caio Barretto Briso

Data da entrevista: 23/09/2008

José Hamilton, gostaria que você começasse falando o seu nome completo, local e data de nascimento.

Olha, meu nome é José Hamilton Ribeiro, sou de uma família de origem mineira, mas já nasci no estado de São Paulo, numa cidade chamada Santa Rosa de Viterbo, perto de Ribeirão Preto e a data do meu nascimento é 29 de agosto de 1935.

E quais eram os nomes do seus pais e o que eles faziam?

Meu pai chamava-se Sebastião Hamilton Ribeiro, minha mãe Maria José Ribeiro. A família tinha uma fazendinha, naquela época quase não tinha renda nenhuma, e meu pai trabalhava na cidade como secretário da prefeitura.

E sua mãe?

Minha mãe segurava a barra em casa porque eram oito filhos.

Como começa o seu envolvimento com o jornalismo?

Olha, acho que a primeira coisa que eu senti foi o seguinte, eu devia ter, assim, uns dez anos e caiu um aviõzinho lá perto da cidade. Olha, cair um avião hoje é notícia, né? Imagina naquela época, por volta de 1945. A cidade não tinha avião, nunca ninguém tinha visto avião. Aí a molecada da cidade saiu que nem louca atrás do avião pelo mato. E nessa época, eu tinha um problema de osteomielite, uma infecção óssea, e não apoiava a perna, estava andando de muleta. Mesmo assim, eu fui junto com a molecada lá, ver o avião, para ver o que é isso. Então, eu fui lá ver o avião, o piloto ainda estava lá, todo machucado, mas de luxo, de cachecol e tal. Aí quando eu voltei, quando eu cheguei em casa, a casa estava cheia de gente me esperando para saber o que que foi. Aí eu fiquei contando a história do avião e eu acho que foi a minha primeira reportagem. Porque a reportagem é isso, né? Você vai ver a coisa, observa e depois conta. É isso aí.

E de fazer jornal, você teve experiência, assim, de garoto?

Não, quando eu cheguei já no científico, que hoje seria o quê? Hoje é fundamental, como é que é? Ensino fundamental, básico, fundamental...

Primário?

É, primário. Antigamente era primário, ginásio, colégio. Então eu estava na época do colégio, no científico. Era o ano de 1954. Eu estudava nessa época em Casa Branca e lá a juventude ficou encantada e admirada com o que estava acontecendo no Brasil. O presidente era Getúlio Vargas, que a gente lá no interior não sabia quem que era, quem que não era, mas de repente aparece uma campanha pelo rádio, né? Porque não tinha televisão, nem jornal chegava lá, os jornais do Rio. Campanha pelo rádio falando sobre o presidente, sobre o governo, sobre o mar de lama. E a gente passou a seguir aquele negócio diariamente lá no interiorzão de São Paulo, porque naquele tempo o rádio pegava longe. Eu não sei que diabo aconteceu com o rádio que hoje não pega longe, né? Só pega o rádio da cidade. Então, acompanhamos aquele negócio que culmina com o suicídio do Getúlio Vargas, aquela virada que deu. Mas eu muito fiquei impressionado como é que uma pessoa, um microfone, depois a gente sabia que ele tinha um jornal também na época, também era deputado e tudo, também tinha outras fontes de percursão do que ele dizia, mas para nós lá só chegava o rádio. Como é que uma pessoa sozinha, com um microfone, abalava o país de tal maneira que levou um presidente popular, um presidente que era reconhecido, que era legítimo, ao suicídio? Eu falei "puxa vida, alguma coisa tem aí". Então, comecei a ficar encanado nesse negócio de jornalismo, que me deu a sensação que era a única maneira de uma pessoa pobre, de origem humilde, simples, chegar perto do poder, influir no poder para melhorar sua vida e a vida do mundo. Porque eu acho que o jornalista, no fundo, ele só quer mudar o mundo. Só isso.

E então, você decide fazer o curso de jornalismo? É isso?

Pois é, aí quando eu terminei o colégio lá interior, eu tive de vir para São Paulo fazer universidade. Naquela época não tinha universidade no interior, era uma raridade, né? Hoje, para todo lado, tem universidade. Tem mais do que Casa Pernambucana. Mas aí tinha de vir para São Paulo. E aí, coincidiu com a temporada de vestibulares, mas alguns estavam abertos e outros fechados. E um dos que estavam abertos era o vestibular de para escola jornalismo Cásper Líbero, que era primeira escola de jornalismo do Brasil, com o detalhe que não era necessário diploma, não era exigido o diploma. Então, a escola não dava direito à profissão nenhuma, só habilitava um pouco. Eu faço vestibular de jornalismo para Cásper

Líbero, entro e começo a cursar a escola de jornalismo e quando estava no começo do segundo ano, já comecei a trabalhar como jornalista. A escola tinha três anos, mas eu não cheguei a me formar, pois no fim do segundo ano o Centro Acadêmico, do qual eu era vice-presidente, fez uma assembléia e resolveu entrar em greve. Com uma postulação, assim, bem modesta, com uma reivindicação bem modesta. Queria simplesmente trocar todos os professores e o diretor e botar jornalista para dar aula. Pois na época quem dava aula na Cásper Líbero eram professores aposentados de outras áreas. Então, iam lá dar aula sobre sociologia, sobre história, sobre não sei o quê, mas um pouco desligado do mundo agitado do jornalismo. E a gente queria jornalista ali. Uma visão exagerada coisa e tal. Fez-se a greve, um sucesso. Parou a escola. Mas depois que parou a escola, o presidente, eu era vice, que era um rapaz muito delicado, ficou meio apavorado com aquele negócio, quer dizer, levou a assembléia até o ponto da greve, mas quando surgiu a greve ele ficou assombrado com aquele negócio. Possivelmente a direção o chamou, pois ele era um rapaz muito considerado, muito educado, mas a direção o chamou e deve ter dito pra ele "você entrou numa fria". Enfim, o rapaz renunciou e assumi a presidência em plena greve. Como toda greve de estudante, ela começa muito fervorosa, principalmente em escola paga. Porque em escola que não é paga, nego faz greve e fica oito meses em greve, professor fica oito anos sem dar aula e não acontece nada. Mas em escola paga, onde pai tem que pagar mensalidade é diferente. A pessoa fica um dia sem ir na aula, dois dias sem ir na aula, três dias sem ir na aula. "Êpa, como é que é esse negócio, tô pagando mensalidade, você não vai na aula?". Enfim, a greve começou a furar, né? Quando chegou na sexta-feira da semana da greve, a gente já viu que na segunda-feira metade ia entrar, como de fato aconteceu. Metade entrou na segunda, na terça, o resto, porque aí acabou a greve e fizemos uma assembléia depressa para encerrar o movimento. Mas quando terminou a greve e a escola voltou a funcionar, a diretoria chamou quatro estudantes lá, que eram, imagine, olha, Paulo Patarra, a Judith Librish, que era uma alemãzinha linda, uma beleza de moça e que era namorada do Paulo Patarra, um rapaz chamado José Carlos Del Fiori e eu. A diretoria falou "olha, esse movimento absurdo que você fizeram, essa loucura, esse comunismo que vocês quiseram fazer aí, não vai ter repercussão nenhuma. Vocês vão continuar estudando. Só que nós não vamos aceitar a matrícula de vocês ano que vem". Então, permitiram a gente continuar estudando para terminar o segundo ano, mas não fazer o terceiro, que era para formar. Eu não me formei, fui expulso entre "aspas" da Cásper Líbero, quando fui para o terceiro ano. Não me formei em jornalismo, depois eu me formei em direito, mas o detalhe é que da Cásper Líbero, de onde eu saí expulso, eu voltei mais tarde como professor. Fui convidado para

dar aulas lá um tempo depois. Depois do Vietnam, que eu fiquei famoso durante quinze dias, né? Me chamou para dar aulas e na primeira reunião da Congregação, eu falei "olha, eu preciso avisar a vocês que tem uma situação estranha. Eu saí daqui expulso e agora estou voltando como professor. Vocês vêem mesmo o que estão fazendo heim [risos]". Eles falaram "ah, os tempos são outros, tudo bem, bola pra frente".

Quando você faz a Cásper Líbero, já estava trabalhando?

Já.

Em que lugar?

Pois, é, eu comecei o segundo ano. Um belo dia sabe, uma das coisas boas da escola de jornalismo, tem várias, tem outras ruins, mas uma das boas é você fica no meio, você convive com gente que está ligada no mesmo assunto. E geralmente um aluno é sobrinho de um cara que trabalha no *Estadão*, o outro é colega de alguém que trabalha na *Globo*, enfim, você começa ter informação desse meio, começa a viver esse meio. E aí surgem oportunidades. Então, um belo dia alguém me diz assim, "olha, a *Rádio Bandeirantes* está precisando de um camarada para escrever as notícias da madrugada, da meia noite às seis horas da manhã". "Eu topo". Aí tá, eu fui para a *Rádio Bandeirantes* fazer esse noticiário. De hora em hora ou de meia em meia hora, o locutor dava às notícias ao longo da madrugada. Nos primeiros dias, trabalhava que nem um maluco, da meia noite às seis mesmo, né? Preparava o noticiário quinze minutos antes, via os últimos telegramas, fazia telefonemas até que o locutor falou "mas você é muito bobo. O pessoal que fazia isso, escrevia todas as notícias meia-noite e depois ia dormir. E só acordava seis e meia, sete horas para passar para o outro". Mas, enfim...e aí foi o primeiro trabalho meu. Enquanto eu estava na *Bandeirantes*, surgiu um convite para trabalhar num jornal novo de São Paulo chamado *O Tempo*. Esse jornal tem uma bela história, uma história interessante pois ele envolve uma figura que era um paradigma da imprensa de São Paulo naquela época chamado Hermínio Sachetta. Esse projeto podia ouvir alguém. Depois eu explico. O Hermínio Sachetta era, como ele dizia, revolucionário. "Eu sou revolucionário". Mas não era revolucionário nada. Ele era membro do Partido Comunista, filiado do Partido Comunista e, possivelmente, direção do Partido. E, ao mesmo tempo, ele era secretário da *Folha de S. Paulo*, que já era um grande jornal. Não era o maior jornal do Brasil como é hoje, mas já era um grande jornal. E ele conciliava essas coisas com, evidentemente, sonhando informações sobre as atividades clandestinas dele, mas de outro lado, como ele era bom jornalista, uma pessoa brilhante, muito ativa, muito magnética, ele encantava a redação e possivelmente os patrões, né? E o Sachetta tem duas histórias

paralelas. A história de militante comunista, que é uma boa história, porque em certo momento o Partido Comunista rachou em um grupo contra o Prestes e um grupo a favor do Prestes. E o Sachetta ficou no grupo contra o Prestes. Ele era mais trokista. Então, o Jorge Amado, que era o grupo do Prestes, ficou inimigo do Sachetta. Eles eram coleguinhas ali, de Comitê Central, mas aí ficaram inimigos. Então o Jorge Amado escreve um livro chamado *Subterrâneos da Liberdade* em que o personagem é o Sachetta. E ele põe Sachetta no livro se chamando Saquilla, mas era uma brincadeira com o nome do Sachetta. E era um perfil do Sachetta, a demolição daquele grupo que se rebelava contra o Prestes. O detalhe é que o Jorge Amado, que naquela época não era ainda o grande escritor que viria ser, mas que, evidentemente, já era um grande escritor, então escreveu um livro de Jorge Amado. E o Sachetta se meteu a responder ao Jorge Amado, então fez um ensaio para responder ao *Subterrâneos da Liberdade*, que, olha, ficou muito distante da qualidade literária do Jorge Amado. E o Sachetta, então, procurava cobrir as suas lacunas literárias usando adjetivações bens fortes e chamava o Jorge Amado de relações públicas do comunismo, do PC soviético, né? Garota propaganda do PC Soviético. E aí exagera também na adjetivação, uma delas não me lembro. Vou me lembrar. Mas tem haver assim com um nome um radical de porco. Era uma palavra derivada de porco, mas não usava porco. Como é que, enfim, chamava o Jorge Amado de porco, mas com uma palavra que não era do vocabulário comum? O ensaio ficou bem distante do *Subterrâneos da Liberdade* do ponto de vista literário, do ponto de vista, assim, da qualidade de texto. Mas o Sachetta era secretário da *Folha* no tempo em que o secretário era a grande figura que centralizava a redação. A redação funcionava a partir da figura do secretário. E a *Folha* é vendida. Nesse período, a *Folha* é vendida e o Sachetta se rebela. "Como é que o patrão vende o jornal de porteira fechada? Ele vende o jornal e os jornalistas? Ele me vendeu também?". Aí reuniu a redação e disse "isso não é possível, isso não, isso eu não aceito. Vamos sair todo mundo e fazer um outro jornal". E, de fato, metade da redação da *Folha* saiu com ele para fazer um outro jornal por não aceitar ser vendido como uma fazenda de porteira fechada. Então, ele começou a fazer o jornal *O Tempo*. Teve duração muito pequena, mas foi um jornal muito bem feito porque o Sachetta conseguiu levar bons jornalistas com ele, jornalistas da *Folha* da época. Mas este pessoal fez um jornal bem feitinho, muito arrumadinho, porém sem estruturação empresarial e o jornal acabou durando pouco tempo. Mas eu trabalhei com o Sachetta nesse período de *O Tempo*. Enquanto estava em *O Tempo*, eu fui chamado pela *Folha*. A *Folha* tinha publicado um anúncio assim "você quer ser jornalista", um anunciozinho. E na época não era necessário nenhum pré-requisito para ser jornalista. "Então, ligue para esse número". A gente telefonava e marcava

uma entrevista com uma pessoa lá. Feita a entrevista e um teste de redação era aquele negócio “olha, deixa o seu telefone e endereço que se tiver vaga a gente chama”. Aquela história de sempre em emprego, né? Para a minha surpresa, alguns dias depois, chega um telegrama. “Venha para a *Folha*”. Eu fui, negociei durante o dia e marcaram para eu começar no outro dia, porém à noite. Era no período da noite. E até então eu não conhecia a redação *Folha*. E eu fui conhecer no dia seguinte quando eu fui para começar a trabalhar. Olha, é uma imagem que eu não esqueço mais. A *Folha* era nesse lugar em que ela está hoje, na rua Barão de Limeira. Era, naquela ocasião, no quarto andar a redação. Assim que eu cheguei à noite, você imagina um salão grande à noite, mal iluminado, vi aquele monte de homem lá, sabe? Alguns de gravata, outros sem paletó, outros de paletó, mas a maioria de gravata e sem paletó e fiquei apavorado. Como aquela gente era feia, muito feia. Você via que o cabelo era mal cuidado, a roupa mal cuidada, os dentes mal cuidados, sabe? E pessoas assim envelhecidas. Claro, eu peguei o turno da noite, o pessoal que trabalhava à noite, possivelmente até meia noite, até uma hora, porque os jornais, naquela época, fechavam tarde. Então, era o pessoal da madrugada, vamos dizer assim. E isso reflete no corpo. E eu fiquei pensando, “puxa vida, eu vou entrar numa profissão que daqui a vinte, trinta anos eu vou estar igual a estes aí?”. Eu dei uma vacilada, fui lá pro canto da sala chorando, pensando “será que é isto que eu quero?”. Mas olha, aí a coisa rola e quando a gente entra na redação da *Folha* hoje parece um jardim, né? Só tem moça bonita, rapaz bonito, gente cheia de dente. Um detalhe, quando chego na redação da *Folha*, claro que não é a redação do porte de hoje, mas já era uma redação importante, devia de ter, assim, cem jornalistas, vamos dizer, e só havia dois que falavam inglês. Então, eram raridades. A gente chegava perto deles “puxa, você fala inglês, você lê inglês”. Hoje, você entra numa redação como a *Folha* cem por cento fala ou lê inglês, porque viu inglês algum dia na vida, na sua escola, na universidade. Então, tinha uma diferença bem grande.

E não tinha mulher na redação?

Ah, outro detalhe, à noite não tinha nenhuma. Depois eu fui vendo ao longo do tempo, porque, logo em seguida, eu fui ser repórter, eu comecei como revisor. Não é revisor de oficina, de impressão, tipográfico. Era revisor de original. O repórter escrevia o texto dele, às vezes muito apressado, às vezes descuidado e vinha para a mão de uma pessoa como eu, naquela função, que lia o original e corrigia erros de português, impropriedades, informação apressada, coisa dúbia. Corrigia esse negócio de texto para depois seguir para o secretário de redação. Daí sim, descer para a oficina para passar pela revisão tipográfica, ortográfica. Era um exercício de

pré-copidesque, né? Mas eu fiquei poucos dias ali, pois abriu uma vaga de repórter e me puseram de experiência como repórter, enquanto o rapaz estava de férias. Aí quando o rapaz voltou o chefe da reportagem arranhou um lugar para mim como repórter e eu passei a ser repórter o tempo todo.

José Hamilton, qual são as primeiras lições desse tempo, como repórter?

Olha, eu tenho poucas lições que eu aprendi. Mas acho que uma delas é do tempo da *Folha* que é a seguinte, uma coisa que na época o rapaz que me disse, o jornalista, o veterano que me disse isso contava como defeito daquela época, mas a gente vê que esse defeito está até hoje. Ele disse assim "olha, cuidado quando você diz assim que uma coisa maior é a melhor, sabe? Seja o que for. Porque, possivelmente, tem alguma outra coisa igual, que seja comparável em outro país que você não conheça. Então, faz o seguinte, toda vez que você for usar a expressão maior ou melhor, você põe assim provavelmente maior, possivelmente maior". Com as informações que a gente tem agora mas pode ser que as informações venham imunes, né? Uma lição simples, mas uma lição fundamental. E vale até hoje. Um dia desses vendo um jogo de futebol pela TV, o camarada falou assim "porque a torcida do Flamengo é a maior torcida de futebol do mundo". Pode ser até que seja verdade, mas é um perigo. Pode não ser. Se ele usasse provavelmente, ele não correria o risco da chefia reclamar com ele se isso não for verdade, né? Então, esse exemplo do Flamengo é só um exemplo, mas a gente vê que isso é um vício continua na imprensa.

Nesse seu início, como eram as condições de trabalho do repórter?

Olha, as condições não mudaram muito. Porque é o seguinte, o repórter é peão. Ele é o peão do redação. E o peão ele é movimentado de acordo com o interesse da empresa, o interesse do jornal. Quando a empresa precisa investir no jornalismo, o repórter é valorizado. Quando a empresa está em dificuldade econômico-financeira, por outras razões, como aliás é a situação de hoje, algumas empresas se endividaram em outros setores que não a redação, mas na hora de enxugar, a redação é a primeira que paga o pato. Então, já nesta época, já neste tempo da *Folha*, deu para ver quando a empresa precisava do jornalismo, o repórter era valorizado. Quando não valorizava, o repórter era um peão esquecido ali. Eu tive a sorte de pegar na *Folha* justamente no momento em que *Folha* estava valorizando o jornalismo, a redação, a reportagem. Porque, com a mudança de dono da empresa, os atuais donos de então, resolveram passar a *Folha*, que era um jornal paulistano e meio agropecuário, para um jornal brasileiro e de interesse geral. Quer dizer, foi uma investida da *Folha* para ser um jornal para que saísse dos limites do

estado, para ser um jornal brasileiro. Então isto devandava investimento na reportagem. Então o repórter foi valorizado. Criaram na *Folha*, na época, duplas de repórter e fotógrafo que saíam, eu mesmo saí, pelo Brasil todo e pela América do Sul, atrás de reportagem especiais, demoradas, fora de pauta, para você trabalhar, para você investigar. Reportagem, assim, de longo custo, vamos dizer. Então, aconteceu que, quando eu estava no meu primeiro ano de *Folha*, eu tinha vinte e um anos se deu um acontecimento que a *Folha* disse que era o segundo acontecimento histórico mais importante do Brasil, depois do descobrimento ou da independência, que foi a primeira missa de Brasília, aquele negócio do Juscelino mudar a capital. A *Folha* percebeu que aquilo lá ia ser um negócio diferente para o Brasil, iria marcar uma diferença. Então, deu muita importância para aquilo e me mandou para Brasília, na época da primeira missa, para fazer uma reportagem e tal sobre aquilo que estava rolando lá. Eu me lembro que eu estava com vinte e um anos porque isso foi a primeira missa de Brasília, em 1957.

Eu me lembro que outro dia eu estava em Brasília, fui fazer uma palestra lá na Embrapa. Estava presente o ministro da Agricultura desse governo aqui. Aí o ministro me disse o seguinte, "faz uma palestra bem curta porque eu tenho de ir para uma reunião, a Casa Civil me chamou para uma reunião, eu só posso ficar pouco tempo aqui". "Meu amigo, faz o seguinte", porque ele ia abrir, depois eu falava e ele encerrava. Eu falei "o amigo, faz o seguinte, o sr. abre a sessão e diz que vai sair, porque senão vai ficando, eu vou falar, eu vou falar quase uns três dias e segurar o sr. aí, o sr. com relógio, né. Faz o seguinte, abre a sessão, já comunica que vai sair e diz 'olha agora vocês ficam com o Zé Hamilton que eu vou ganhar o meu dinheirinho lá no Palácio do Planalto". Então, eu me lembrei desse fato e disse assim "olha, tem gente aqui em Brasília que para despicar, diz que eu sou um repórter tão antigo que eu cobri a primeira missa do Brasil, que eu fiz a cobertura da primeira missa do Brasil". Do Brasil não é verdade, mas de Brasília é. Então, naquele dia mesmo eu tinha vista cruz da primeira missa de Brasília e fiquei tocado com aquilo. Mas, enfim, isso não tem importância nenhuma na história da imprensa, né?

E quando foi a sua entrada na *Quatro Rodas*?

Bom, então eu era repórter da *Folha* e comecei a receber convite do Mino Carta para trabalhar na revista *Quatro Rodas*. Nós ficamos conversando durante um ano para eu resolver ir para a *Quatro Rodas*. Então ele me dizia assim "Zé Hamilton, a *Quatro Rodas* não é uma revista de automobilismo e turismo, como parece. Ela é o laboratório de jornalismo de uma editora que vai ser uma editora muito importante do ponto de vista jornalístico. "A editora Abril começou", ele me dizia, "fazendo

revista em quadrinho, fotonovela, revista de cama e mesa, mas o destino dela é ser uma editora jornalística de grandes revistas que pensou em fazer jornal diário, fazer televisão. Você vem pra cá porque a *Quatro Rodas* é um laboratório que a editora Abril está fazendo para lançar outras publicações”. Olha, ele me convenceu e isto é verdade mesmo. *Quatro Rodas* foi um laboratório. Da redação de *Quatro Rodas* saíram as equipes que iriam fazer as duas publicações mais importantes da década de 1960 no Brasil, que foram o *Jornal da Tarde* e a revista *Realidade* e uma terceira que foi a *Veja*. Todas as três publicações saíram da redação da *Realidade*. O Mino, diretamente fazendo, o Mino é *Quatro Rodas* ainda. Depois ele sai para fazer o *Jornal da Tarde* e mais depois para fazer a *Veja*. E a redação da *Quatro Rodas* quase toda vai fazer a revista *Realidade*. Então, ele [Mino Carta] tinha razão. Mas interessante foi a reação dos meus amigos lá na *Folha*. Eles diziam assim “mas Zé Hamilton, você tá louco. Como é que você vai deixar uma redação como a *Folha* para trabalhar num escritório?”. Porque a editora Abril ainda era um escritório de tradução de revistas estrangeiras, não era um lugar de jornalista. Mas afinal eu acreditei no Mino, ele estava certo. A *Quatro Rodas* foi de fato uma semente de várias outras publicações e o laboratório de jornalismo da Abril cresceu a ponto de Abril ser hoje a maior editora jornalística, provavelmente, do mundo de língua latina.

***Quatro Rodas* foi uma revista que teve grandes reportagens. E foi lá que você ganhou seus dois primeiros prêmios Esso, se eu não me engano, por equipe. Você pode falar um pouco sobre algumas reportagens que foram mais marcantes na *Quatro Rodas*, talvez até essas que renderam os prêmios Esso?**

A *Quatro Rodas* coincide com o nascimento do jornalismo de serviço no Brasil. Até então o jornalismo era uma coisa, assim, tirada para belas letras ou então voltada para a política ou aventura. Aí surge este viés do jornalismo de serviços, sabe? Que o *Jornal da Tarde* começou a fazer muito bem e que a *Quatro Rodas* também começou a fazer muito bem, que era isto. Até então, restaurante não era motivo de reportagem. Não era notícia restaurante novo, nada. Restaurante não era notícia. Como não era notícia os bares da noite. Não tinha, assim, jornalismo de orientação, de utilidades, de dar informações úteis para o leitor. Então, começa isso com a *Quatro Rodas*, depois o *Jornal da Tarde*. Eu não sigo muito a imprensa do Rio de Janeiro, mas imagino que na mesma época deve ter acontecido coisa igual pelo lá pelo Rio, pelo *Jornal do Brasil*, que fazia um jornalismo de serviço muito bom. Mas, então, a *Quatro Rodas* ela pega essa veia de jornalismo de serviço misturada com o jornalismo de aventura, que eram os roteiros turísticos da *Quatro Rodas*. Depois se tornaram uma coisa, assim, mais ou menos formatada, mas no começo eram reportagens de descobrir o Brasil. Então, eram reportagens boas que tinham esse

lado de serviço. Engraçado que esta onda de jornalismo de serviço, que começou nesta época e ficou para sempre no jornalismo, hoje está direto. A gente vê a *Veja São Paulo* é uma revista inteira de serviços, como a *Veja Rio* e outras publicações. E não é mais importante, menos importante que o outro, o jornalismo de aventura, de risco. Mas este tipo de jornalismo pegou na veia de tal maneira que influenciou a poesia. Havia um jornalista da época, Murilo Felizberto, um grande jornalista, uma pessoa, assim, meio complicada, meio misteriosa, mas ele fez um poema, eu não me lembro dele todo, que pegava esse negócio de jornalismo de serviço e fazia uma coisa assim meio trágica, meio macabra. O primeiro verso eu lembro assim "pega-se um defunto de bom tamanho". Porque toda receita começa assim "pega-se uma carne assim, assado", né? E vem um soneto, assim, meio macabro, mas mostrando, assim, o exagero que podia ser feito nesse jornalismo de serviço.

E como foi a criação da revista Realidade?

Bom, a revista *Realidade*, então, vai ser, eu acho, a primeira consumação desse projeto, desse sonho, que a família Civita tinha de fazer uma grande editora jornalística no Brasil. Por esta época, década de 1960, revista no Brasil só existiam no Rio de Janeiro. Era *Manchete*, *Cruzeiro* e *Visão*, parece. Fora outras, segmentadas que eu não me recordo. Mas estas três eu me lembro bem. Então, quem fazia revista no Brasil era o Rio de Janeiro, assim como o Volêi de Praia. Volêi de Praia só Copacabana, se for fora disso não tem nada tem haver como o Brasil. Mas, então, surge a idéia da revista *Realidade*, aproveitando a experiência do Mino Carta e da equipe da *Quatro Rodas* e com esse projeto da Abril de ser uma grande editora de revistas. Aí tem várias circunstâncias históricas que se juntam ali. Uma delas é a seguinte. O Brasil tinha um governo militar. Tinha havido a revolução militar de 1964. A revista sai em 1966. Então sai em pleno governo militar. Havia governo militar, mas não havia a ditadura, não havia a censura a imprensa. O Congresso funcionava, os partidos funcionavam, os bispos estavam aí, os padres, os estudantes, estava todo mundo aí falando, gritando e tudo. Isso vai mudar em 1968, mas em 1966 não era uma ditadura. Então, a revista pega esse momento de indefinição da situação política brasileira. Havia um governo militar, mas não havia ainda ditadura. Acreditava-se que esse governo militar podia ir para a democracia logo em seguida. Enfim, era uma situação ainda indefinida. Havia um vácuo e a *Realidade* entrou nesse vácuo. E a ordem na redação era a seguinte, "nós vamos fazer o que nós quisermos", do ponto de vista da ambição jornalística. "Se alguém mandar não fazer, seja a empresa ou seja o governo, a gente não faz. Mas, enquanto não mandarem não fazer, nós vamos fazer. Não vamos nos limitar em nada, não vamos nos auto-censurar em nada. Então, a revista teve uma pauta

muito criativa, muito ousada, enfrentou vários tabus, o tabu da mulher, do feminismo, da questão do sacerdócio, exercício do sacerdócio. Eu me lembro de uma série que a gente fez lá na *Realidade*, eu não, que a revista fez, né? A reportagem era assim "Sou padre e quero casar". Aí contava porque ele queria casar. Aí, depois, ele casou e não deu certo. Aí fizemos uma reportagem. "Eu era padre, casei, agora quero separar". Era a luta do divórcio, não é? Depois, "Eu era padre, casei, separei e agora quero casar de novo". Então, haja divórcio. A revista seguiu essa luta pelo divórcio no Brasil através da figura de um padre. Uma das marcas da revista *Realidade* era a reportagem, mas a marca principal da reportagem era a vivência. Então, no caso desse padre, quando ele escrevia, ele estava falando da pessoa dele. Era uma realidade incontestável. Não era uma ficção, não era o que o repórter olhou de longe e escreveu, sem entender. O repórter só escrevia aquilo que ele tinha vivenciado. Se não diretamente, se ele ia fazer a reportagem de um garimpo, como é que ele ia garimpar? Mas ele ficava junto, ele comia junto com o garimpeiro, dormia junto, pegava mosquito junto, sentia o cheiro ruim do garimpo também junto, né? Era a vivência. Mas as circunstâncias da *Realidade*? A primeira foi essa, a questão política. A segunda foi ter uma grande empresa apoiando uma grande revista, apostando numa grande revista, vendo o futuro por aí. E de fato, o futuro se mostrou por aí mesmo. Porque a *Realidade* deu origem a *Veja*. *Veja* lutou por algum tempo, mas depois se solidificou e a editora se transformou no que ela é hoje. Uma outra circunstância, a revista reuniu, teve na redação, uma equipe jovem, mas já treinada na *Quatro Rodas*, muito ambiciosa, com muita energia e empatia interna comum, uma relação humana, assim, boa, de equipe, que facilitou o exercício de um jornalismo mais ousado de então. E talvez uma outra circunstância foi que o Brasil, não é que o Brasil, mas o mundo estava mudando na década de 1960. Tinha havido os Beatles, o Vietnã, a pílula, o avanço do feminismo, os direitos civis nos Estados Unidos, a revolução dos estudantes na França. Então, o mundo estava mudando e o Brasil estava mudando também e a *Realidade* expressa essas mudanças muito bem

Como era a repercussão dessas matérias junto ao público? O mundo estava mudando, mas algumas coisas eram tabus. Você lembra, assim, da repercussão?

Eu não confio muito em banca, mas tinha uns colegas lá que curtiavam banca. Então, quando saía a revista, iam para banca. Eles ficavam encantados, pois a revista saía, assim, como pão quente, aquela pilha de revista. Um pegava, o outro pegava, o outro pegava. Quer dizer, a revista, no primeiro número, esgotou rapidamente e o projeto era para uma revista de oitenta mil exemplares, parece, e ela chegou a quinhentos mil rapidamente. Foi um case, mesmo.

Nesse momento do nascimento da revista *Realidade*, quais eram os jornalistas que fizeram parte desse processo?

Os jornalistas principais da *Realidade*, na minha opinião, foram o Paulo Patarra, o mesmo que foi expulso comigo da Casper Líbero, tinha feito carreira na *Última Hora*, que é uma coisa importante da história da imprensa. A gente tinha de ter umas três pessoas falando da *Última Hora*, do que ela significou. E a coisa horrorosa que foi, acho que a única coisa horrorosa que a ditadura militar fez, além de matar gente, que foi um absurdo, foi ter acabado com a *Última Hora*, que foi uma coisa importante no jornalismo brasileiro e foi massacrada. A única redação que os militares invadiram mesmo.

Então, o Paulo Patarra tinha feito carreira na *Última Hora* como repórter e também como gente da redação, da criação. Então, Paulo Patarra, Sérgio de Souza e Robert Civita, eu chamava ele de Robert. Robert Civita é o atual presidente da editora Abril. Mas na época ele era apenas filho do dono e jovem. Ele tinha feito estágio na revista *Time*, nos Estados Unidos, parece que no *New York Times* também e é um grande jornalista. Ele fazia o contrapeso, porque toda a redação de *Realidade* era de esquerda, vamos dizer assim, entre aspas, de esquerda. Hoje é uma coisa difícil de dizer isso, mas na época era mais claro de esquerda, porque então a esquerda tinha um compromisso moral. Hoje não tem mais. Hoje o pessoal de esquerda quer mais é roubar, né? Mas antes tinha um compromisso moral. Aquele PCB [Partido Comunista Brasileiro] antigo, PCsão antigo, aqueles comunistas eram meio santos, mas a redação era de esquerda. E o Robert, evidentemente, a gente chamava ele de agente do imperialismo americano. Porque era uma pessoa que pregava o modelo americano de democracia, a adaptação desse modelo para o Brasil. Quer dizer, o modelo da livre iniciativa, da livre concorrência, da avaliação pelo mérito, do trabalho, da oportunidade, do direito individual. As coisas todas que fazem, assim, o modelo da democracia americana. E nós éramos todos de esquerda, naquela época, todo mundo favorável ao comunismo, ao Che Guevara, estávamos encantados com essas coisas todas, que depois a gente foi ver, era tudo furada. Mas na época, a gente estava encantado com aquilo. E o Robert fazia o contrapeso. E não um contrapeso brutal, brutamontes, não. Ele argumentava, ele dizia assim “não pode ter uma revista com as páginas todas de xingar os outros, de denúncia, de miséria. Tem que ter isso, mas não pode ser inteira. Tem que ter uma reportagem também de uma pessoa que está dando certo, que está contente com a vida. Tem que pegar um problema do país e arranjar uma solução para ele, bancar uma solução, lutar pela solução. Não só ficar no problema, ir para a solução, valorizar as pessoas”. Enfim, essas coisas. Então, ele fazia esse balanço. Esses três jornalistas eram os mais importantes. Porque o Robert fazia esse balanço e

conhecia muito revista, ele conhecia todas as revistas do mundo, lia todas as grandes revistas do mundo, coisa que nós não tínhamos acesso. Paulo Patarra o importante dele era a parte política, a negociação com a empresa, criar condições de trabalho e apostar nas pautas mais absurdas. Ele apostava, bancava. E o Sérgio de Souza, esse talvez seja o mais importante dos três. O que o Sérgio vem fazer na *Realidade* depois repercute na imprensa toda que é a demolição do copy desk. Ele faz o extermínio do copy desk na redação. A história é mais ou menos assim e eu acho que vocês têm gente melhor para falar sobre isso, mas depois que terminou a guerra, alguns jornalistas importantes, principalmente do Rio, vão fazer estágio nos Estados Unidos. E voltam de lá e fazem a reforma dos jornais cariocas. Começam não sei se pelo *Jornal do Brasil*.

Diário Carioca.

Diário Carioca. Esta reforma consistia basicamente no que? Em aplicação no Brasil das regras do jornalismo americano, aquelas séries de cinco w e um h. Why, where, when, what e how. Acho que são quatro w e um h. Isso é uma descoberta, é genial isso aí. Se você pega levanta a resposta destas cinco questões, você compõe um texto. Então, junto com isso, com esses quatro w e um h, vem também aquela história da pirâmide invertida, do corte pelo pé e uma série de regras que o jornalismo americano já usava e os jornais cariocas implantaram e que dali saiu para o Brasil todo. Essa reforma contaminou, no bom sentido, quer dizer, contaminou não, ela se espalhou, ela influenciou positivamente os jornais todos do Brasil. Agora, toda fórmula muito fechada ele leva para um cansaço, para uma fadiga. E esse fórmula levou para o copy desk. E o que era o copy desk? Eu assisti por exemplo no *Jornal do Brasil*, que eu visitava, assim, de vez em quando, né? Funcionava assim. O repórter saía para fazer a reportagem lá no Rio de Janeiro e não cuidava do texto porque ele sabia que não precisava. Então, ele ia pegar informação boa, entrevista boa, personagem bom e tudo bem e depois fazia um tipo de relatório, sem cuidar de texto. Isso caía na mão de um copy desk, um redator muito bom, né? Que pegava, aplicava estas regrinhas americanas e transformava aquilo num texto impecável, já no tamanho certo da diagramação, com começo, meio e fim e tal direitinho. E numa época, isso encantou o Brasil de novo, mas depois começou a ficar a massante, o jornal ficou todo igual. Ele não vibrava, era uma coisa pastosa do começo ao fim. É claro que isso era pior em lugares com menos talento. Em lugar com mais talento acabava saindo por aqui, por ali. Mas isso praguejou o jornalismo brasileiro, o copy desk. Porque o copy desk é uma intervenção no texto de maneira brutal, de maneira dramática, de maneira, assim, crucial, porque o texto perde a identidade e ganha outra identidade,

indefinida, um ser anógeno que existe ali na redação. O Sérgio, o que ele fazia? Ele inaugurou uma escola de edição de texto que é a seguinte, você pega um texto do repórter, ele é eventualmente mal cuidado, mal acabado e você trabalha esse texto no sentido de que? De achar a palavra certa pro lugar certo, de cortar o que for gordura inútil, de eventualmente mudar a arquitetura da reportagem, melhorar e enriquecer o vocabulário, criar imagens mais brilhantes, mais claras, mais precisas. Enfim, fazer um jornalismo preciso, objetivo, porém com a emoção do repórter. Então, a intervenção do Sérgio não era para mudar o texto, não era para fazer outro texto. Era para levar o próprio repórter a reformular aquele texto de forma que mantivesse o que ele tinha de bom, de emoção e de espanto do repórter, e que tivesse também aquelas condições de qualidade de texto. Então, se vê que a *Realidade* chegou a tal ponto, que algumas reportagens têm qualidades literárias. Você pega reportagens daquela época do Luiz Fernando Mercadante, do José Carlos Marão, do próprio Patarra, do Carlos Azevedo e de outros, você lê aquilo e ainda hoje é vivo, ainda vale para hoje, porque mexe com o fundamento da alma humana. Não sei se já estou falando bobagem.

Não, nem um pouco. José Hamilton, você ganhou nesse período dois prêmios Esso de informação científica, *Uma vida poluída* e em seguida, *De que morre o Brasil*.

E depois o terceiro que é como usar o corpo para fazer transplante.

Um corpo de presente?

Isso, isso.

Então, conta o que foram essas reportagens, como é que foi o processo de apuração. Pode narrar pra gente o que eram essas reportagens?

Bem, eu tinha vindo de experiência de jornal como todo o pessoal da *Realidade*. Todos. Higino, o Sérgio de Souza, o Patarra, o Mercadante, do Rio. E a gente sabia que os jornais, naquela época, não enfrentavam problemas científicos para fazer reportagem. Então, se tivesse algum acontecimento na área médica, chamavam um médico para escrever sobre aquilo. Ou então, o que era pior e tudo, contratavam um médico para redação para ele ficar cuidando dessa área de notícias médicas. O mesmo na engenharia, o mesmo na agronomia. Então o que acontecia? Quando tinha um assunto médico, o médico da redação escrevia segundo o seu modo de ver a coisa e pensando nos seus colegas, os médicos. Então, ele não podia ter um erro, uma impropriedade que incomodasse o colega dele, que cobrasse dele depois. "O fulano, como é que você foi falar aquilo no jornal?". Ele era um prisioneiro de seu colegas, vamos dizer assim. Ele era prisioneiro de sua corporação. Então, aquilo não era jornalismo e não era medicina.

Não era nem sardinha, nem goiabada. Se acreditava que o repórter não era capaz de entender um problema científico e se ele não era capaz de entender sobre um problema de ciência, muito menos escrever sobre aquilo. Isso também a *Realidade* inovou, de fazer o chamado jornalismo científico entre aspas, né? Porque colocava o repórter diante de um problema científico, seja de medicina, de engenharia, de física, de geografia ou de ciências humanas, porém dava para ele tempo e estrutura para que ele se informasse sobre aquilo, que ele perguntasse, que ele pesquisasse, de tal maneira que ele entendesse o problema e depois, aí sim, ele pudesse escrever sobre aquilo com segurança. Então, a *Realidade* produziu algumas reportagens do jornalismo científico primorosas. No meu caso, além desse cuidado da vivência, eu tinha um cuidado extra que era o seguinte, quando eu fazia reportagem de medicina e usava uma fonte, eu dava a leitura do texto para essa fonte antes de publicar. E dizia o seguinte, "olha, estou dando o texto para o senhor lê, não para o senhor ver se a minha opinião sobre isso ou sobre aquilo está certa ou errada. Eu quero saber se tem algum erro técnico, se tem alguma palavra errada, se eu estou explicando uma coisa e não bem aquilo. É isso que é para ver, não é opinião. É só para ver se tem erro técnico". Em alguns casos havia, em outros não havia, mas de tal maneira a coisa funcionava que quando saía na revista publicado nem uma pessoa da área que entendesse daquilo ia ver um erro ali, um erro técnico. Então, isso valorizava a reportagem. Porque se você, por exemplo, é engenheiro, vê uma reportagem de engenharia na segunda linha o camarada pôs um erro básico de engenharia, de informação, o camarada não lê o resto e desqualifica não a reportagem. Ele desqualifica a publicação toda. Essa questão de dar a leitura para a fonte é muito discutida, muita gente acha que "eu não, eu não dou leitura porque isso é censura e eu não aceito nenhum tipo de censura". Eu não acho que é censura e eu acho que a auto-censura se ela for paranóica ela é um absurdo, mas se ela for razoável, é um exercício do jornalismo. Porque um colega meu, da *Realidade* mesmo, como uma pessoa radical, dizia "eu não aceito nenhum tipo de auto-censura. Eu não tenho auto-censura". O camarada perguntou para ele "então porque você veio vestido da sua casa para redação? Por que você não vem pelado?".

A gente está então nesse momento em que a ditadura começa a se intensificar. Como é que esse processo se dá, da ditadura, dentro da redação da *Realidade* com as reportagens da revista?

Eu acho que a *Realidade* foi fruto de algumas circunstâncias históricas e sua decadência também fruto de uma série de circunstâncias. A primeira delas foi o AI-5, que instalou a censura no Brasil. Isso foi em dezembro de 1968. A partir daí a *Realidade* não seria mais mesma. Seja porque a empresa deixou passar para a

redação que ia haver esse controle maior, seja porque, a empresa, de certa maneira, eu acho, negociou com o governo dar uma esfriada na *Realidade* a troco de lançar a *Veja*, que foi na mesma ocasião. Quer dizer, coincide a decadência da *Realidade* com o nascimento da *Veja*. Então, eu acho que foi uma negociação da empresa. Agora a censura à imprensa, quando ela veio, ela acabou com a *Realidade*, pelo menos acabou com aquele espírito da revista *Realidade*. Coincidiu também com uma crise interna, com o afastamento do próprio Robert Civita, que era o diretor da redação, e foi posto um diretor que a redação não aceitou, houve uma crise interna e grande parte da redação saiu da *Realidade*. Aquele núcleo original, aquele núcleo duro, saiu. Agora, como é que a censura abalou a gente? Os jornalistas que na época se achavam de esquerda, que eram contra os militares, entre os quais eu me incluía, perderam o pé na imprensa. Mesmo porque a grande imprensa se acomodou com os militares de um jeito ou de outro. Quer dizer, a *Folha* se acomodou escancaradamente. O *Estadão* se dizia que não, que publicava poema, mas no fim acabou compondo. As televisões mais ainda e os jornais do Rio seguramente também. Então a grande imprensa perdeu sentido para os jornalistas de combate, não só político, político também, mas jornalístico mesmo. O combate jornalístico arrefeceu por causa da censura. Então, o que aconteceu também com a equipe da *Realidade*, aconteceu também com várias equipes em todo Brasil. Uma parte foi para a luta armada, foi para a clandestinidade. No caso da *Realidade*, o Carlos Azevedo, repórter importante da revista, sai para a luta armada. Como outros no Brasil, o Gabeira e tal. O outro grupo sai para o jornalismo de contestação, seja de deboche, tipo *Pasquim* e correlatos, seja jornalismo de contestação política, tipo *Movimento*, *Opinião*, o grupo do Raimundo Pereira, que tentava resistir no jornalismo político até onde dava, lutando contra censura de maneira cruel, pois impunha viagens para Brasília que inviabilizava a redação, no caso do *Opinião*. Então, um grupo foi para a luta armada, um grupo foi para o jornalismo de contestação e um terceiro grupo do qual eu fiz parte, fez o seguinte, já que é impossível na imprensa mexer com conteúdo, vamos mexer com forma. Então, aceitei um convite que já vinha rolando para reformar um jornal de Ribeirão Preto. Imagine, quando eu cheguei em Ribeirão Preto, um camarada chegou e disse “Zé Hamilton, você vem trabalhar aqui em um jornal de Ribeirão Preto. Eu posso dizer o seguinte, o seu futuro no jornalismo é só o seu passado, porque daqui pra frente não vai acontecer mais nada”. Mas aí, então, coincidiu com a minha chegada em Ribeirão Preto, e eu não fui sozinho, eu levei nada menos que o Sérgio de Souza e mais outros colegas de São Paulo e do interior que estavam descontentes com aquele negócio. Então, fomos reformar o jornal do interior, porque no interior a censura não chegava, é muito longe, o jornal não tem importância nenhuma para

preocupar um coronel de Brasília, o serviço de inteligência de Brasília. Então, a censura não chegava diretamente, você lidava com a censura local. Mas, principalmente, deu para fazer uma reforma na tecnologia do jornalismo de Ribeirão Preto. Até então, o jornal se fazia com a tecnologia do século XIX, que era a impressão tipográfica e a composição a quente. Então, ao lado da redação funcionava um forno, um tacho, para fundir o chumbo e abastecer a linotipo que fazia as linhas. Vocês talvez não tenham nem idéia do que é isso. Então, a redação funcionava ao lado de uma siderúrgica, bem do lado da redação, pois a redação dependia daquilo. Às vezes você estava na redação, entrava um dos gráficos, sem camisa, suando, todo sujo de graxa. Você convivia com esse negócio. E esse tacho, esse forno emanava gases tóxicos. Tanto que quem trabalhava lá tinha de tomar um copo de leite a cada hora para não se intoxicar. Coincidiu nossa chegada em Ribeirão com o computador. A reforma que a gente fez no jornal, além da parte de redação, foi também tecnológica. Entrou um computador que fazia composição à frio e aquilo que era uma siderúrgica para compor o jornal passou a ser uma maquininha ali no canto, fria, a composição a frio e impressão off set. Acabaram com os clichês, sabe, aqueles clichês de madeira que são do anedotário da imprensa. O que aconteceu? Com a nossa chegada na cidade, o jornal passou, de um dia para o outro, a ser um jornal limpo, bem impresso, bonito. E a turma atribuía isso à redação e não era, era a tecnologia. Mas a reforma do jornal foi tão importante localmente, que os outros jornais, que vinham com a tecnologia do século XIX e deitados em berço esplêndido, tiveram de se mexer. Todos tiveram também de implantar a tecnologia nova. Aquilo aconteceu em Ribeirão e a notícia circulou. Enquanto eu estava em Ribeirão ainda, nesse processo, um camarada de Rio Preto foi lá me convidar. “Vamos fazer o mesmo em Rio Preto”. Aí eu fui fazer a mesma coisa em Rio Preto. Quando eu estava em Rio Preto, eu fui chamado para Campinas. Olha, Campinas, a segunda maior cidade do Brasil, uma cidade, assim, muito orgulhosa de si, muito ciosa, que se considera quase uma república, a República de Campinas, que tem sua história e seus jornais. Em 1979 ainda tinha tecnologia do século XIX. Então, eu acabei indo fazer um jornal em Campinas com a tecnologia nova, o que levou os outros jornais de Campinas a também aderir. Quando eu estava em Campinas trabalhando nisso, coincidiu também com a abertura democrática, o Brasil voltando para a democracia, as eleições diretas e tal. Não, isso foi bem antes das Diretas. Foi 1980, 1981 com a abertura mesmo do governo militar. Mas acabou a censura a imprensa, o jornalismo voltou a viver e eu fui convidado pela *TV Globo* a ir para o *Globo Repórter*.

O seu depoimento não ficaria completo se a gente não falasse do Vietnam. Então, conta como surgiu essa idéia na redação da *Realidade* de mandar

um correspondente para guerra e como foi sua convivência com a tropa e o dia a dia no Vietnam?

Estava virando 1967 para 1968. O Vietnam é o assunto jornalístico mais importante do mundo. E começou a pintar a possibilidade de que os guerrilheiros do Vietcong podiam derrotar os Estados Unidos. O que era uma coisa inconcebível. Como é que o país que detem o maior poder militar da história da humanidade e tão desproporcional em relação aos outros, como é que vai perder uma guerra para um grupo de guerrilheiros, né? Então, isto transformou o Vietnam na notícia mais importante do mundo naquela época. Se dizia que no Vietnam havia um furo para cada jornalista. Era o território do mundo que tinha mais furo jornalístico por metro quadrado. Aí a redação começou a formular a idéia de que um assunto tão importante como o Vietnam não podia a revista tratar com mãos alheias, com compra de material de agências, principalmente americanas. Tinha de mandar um cara lá, um dos seus repórteres. Uma vez decidido isso, fizeram uma lista de três a serem convidados. E eu era o primeiro da lista. Então disseram "olha, você vai ser convidado e se você não aceitar, vamos convidar os outros dois e se eles não aceitarem vamos abrir o voluntariado". Eu pedi um dia para pensar, para falar em casa, eu casado, sou casado ainda, tinha uma filha, fui conversar com a minha mulher, contei para ela o problema, falei da importância do Vietnam e ela disse "não vá, isso é loucura". Eu a convenci e acabei indo. O interessante é o seguinte, trinta anos depois desse dia, a minha mulher, conta isso de maneira engraçada. Ela está talvez na mesma sala e chega a filha dela mais nova e diz assim, chorando, "mãe, a *Folha* convidou o meu marido para ir à Guerra do Iraque", no momento mais agudo da Guerra do Iraque. O marido da minha filha é o Sérgio D'ávila, da *Folha de S. Paulo*. "O que eu faço, mãe?". Aí a mãe dela falou assim. "Diga não, fale para ele não ir, que é loucura. Mas ele vai". Felizmente o Sérgio foi para a Guerra do Iraque, fez uma bela cobertura e depois um belíssimo livro e voltou à vida. Então, eu chego no Vietnam preocupado, eu vi aqueles dois jornalistas americanos fazendo a reportagem sobre a guerra, eu vi alguns deles e disse "nossa, eu vou tomar um baile desgraçado aqui". Aí, conversando com um veterano, ele disse "não, não se preocupe não, aqui tem um furo para cada um. Pode trabalhar tranquilo". Bem, na cobertura da guerra do Vietnam, quando estava no último dia da cobertura, no front, eu fui vítima da explosão de uma mina, perdi parte do corpo e vivi alguns dias tormentosos, muito dolorosos e assunto, claro se eu fosse falar deles ia tomar muito tempo, porque eu tratei disso em dois livros, um deles *O gosto da guerra*, que é sobre a experiência mesmo lá no local, né? É um assunto muito comprido, mas eu vou lembrar um episódio que eu estava contando anteontem numa escola de jornalismo. Me perguntaram isso e eu contei. É o

seguinte. Eu chego num hospital do Vietnam, num hospital de campanha, assim em frangalhos, todo ferido, todo machucado. Entrei e em alguns dias, que foram os dias mais dolorosos da minha vida, ali no hospital, entre a vida e a morte no começo, mas depois, com um ciclo terrível de dor, morfina e enjôo, sabe? Eu estava ali na enfermaria do hospital, cheio de ferido, entrando ferido à toda hora, vendo gente chegar, assim, em condições terríveis e eu sofrendo muito, sofrendo muita dor física. Aí eu percebo que esse tempo todo eu estava em permanente ereção. E aquele negócio começou a me incomodar, porque no hospital americano a gente usa um avental aberto na frente, um aventalzinho fininho e aberto na frente. E eu senti que ele era muito fininho, mal dava para fechar aquele negócio. E eu ficava me equilibrando com aquele avental ali e ficava particularmente agoniado quando vinha a enfermeira cuidar de mim, seja para tirar a temperatura, seja para dar injeção, fazer um curativo. E uma das enfermeiras, eram duas, uma tratava muito bem, muito carinhosamente, porque acho que ela imaginava assim "esse coitado, desse pobre diabo veio lá do fim do mundo para sofrer aqui sozinho, abandonado". Então, ela ficava do meu lado, passava a mão no meu cabelo, era muito, assim, delicada. E eu com aquele medo que ela esbarrasse naquele negócio e achasse aquilo uma grosseria, uma vulgaridade da minha parte. Estava muito incomodado com aquilo a ponto de chamar o diretor do hospital, com quem eu já tinha conversado. Aí expliquei para ele, ele deu uma risadinha e disse "olha, esse problema é da metade da enfermaria. Porque o corpo humano, quando perde uma parte do corpo ele leva algum tempo para redirecionar o fluxo de sangue. Então, possivelmente, é quase certo, o cérebro está mandando para essa parte do seu corpo, a perna esquerda, o mesmo sangue que ia quando você tinha a perna inteira. E esse sangue está acumulando nessa área e está prolongando esse fenômeno aí e isso vai passar em dois ou três dias. Não se preocupe". Os médicos lá do Vietnam não eram médicos do exército. Eles eram grandes especialistas dos Estados Unidos que eram convidados, entre aspas, para dar uma mão para o governo lá, durante alguns meses. E esse médico era um importante médico de Chicago. Então, quando ele contou isso eu falei "doutor, o senhor faz o seguinte, o senhor me dá o seu cartão, porque, quem sabe, daqui uns quarenta anos eu chame o senhor para cortar a outra perna". Eu contando essa história numa escola de jornalismo, um rapaz aí me falou "mas Zé Hamilton, já se passaram quarenta anos. Tá na hora de chamar o médico". Eu falei "é amigo, mas a medicina avançou".

No *Gosto da Guerra*, você trata bastante do dia a dia, o livro funciona com um diário. Agora, aqui no depoimento, conta um pouco mais do seu dia a dia como repórter. Como é que era estar no meio da tropa? Como é que a presença de um jornalista era vista pelos soldados? Como é que isto funcionava? Quais eram as suas principais dificuldades?

Eu gosto desse tempo porque é o seguinte, eu estava credenciado como correspondente de guerra numa unidade militar, numa base aérea na cidade de Quang Tri, que era perto da zona desmilitarizada. E quando eu cheguei nessa unidade havia um jornalista do *Newsweek*, que já estava lá alguns dias. Muito simpático, recebeu a gente muito bem. Então, a rotina era essa, as várias unidades de patrulha, os vários pelotões de patrulha, saíam de manhã para fazer as patrulhas e na véspera um oficial de inteligência reunia os jornalistas, no caso lá era o rapaz do *Newsweek*, o fotógrafo que estava comigo e eu. Ele dizia "amanhã nós vamos fazer tais operações. Vocês escolhem as que querem ir junto". Era para escolher. Essas operações que ele dava eram as publicáveis, vamos dizer assim. As impúblicas ele nem dizia que ia fazer. Mas aí a gente escolhia uma dessas operações e no outro dia de manhã ia junto com a tropa, nos helicópteros fazer a patrulha. E a guerra do Vietnam, ao contrário do que dizem os belos filmes de Hollywood sobre isso, era um ritmo muito massante, muito monótono, sabe. Saía um dia para fazer a patrulha, andava o dia todo, não acontecia nada, não tinha reação. Porque não tinha inimigo. O inimigo não tinha fronteira, não tinha quartel. Então, a tática do Vietcong era não atacar quando o pessoal estava preparado para a guerra. Se estava uma companhia preparada para a luta, o Vietcong se escondia. Era um rotina monótona, que os filmes concertaram isso com um belo de um ritmo, mas lá era assim. O detalhe que eu gosto de lembrar desse ponto era o seguinte, eu estando junto a uma companhia do exército americano, são cento e pouco homens, no caso lá, o comandante era um capitão, tinha um tenente que era vice comandante e outros oficiais menores, tinha o pessoal do rádio, da comunicação, tinha o capelão militar e nós, os repórteres. Eu saí com essa unidade, nos vinte dias que eu estive lá no front, pelo menos uns dezoito. Não vi nenhum dia nenhum um ato de crueldade, de indignidade que essa companhia fez. No entanto, a trinta quilômetros dali, uma unidade do exército americano igual aquela, a mesma formação, na mesma época que eu estava lá, praticou a maior chacina da guerra do Vietnam, que foi a chacina de Mi Lay. Uma companhia do exército americano, chegando a uma aldeia de plantadores de arroz, onde havia suspeita de colaboração com os Vietcongs, cercou esse pessoal numa praça, passou uma corda em volta, ficou pressionando eles a darem notícias sobre o inimigo e aquilo foi irritando os americanos e chegou uma hora alguém dá um tiro. Os outros pensam em dar tiro, então há uma fuzilaria e morrem velhos, mulheres, crianças, até crianças de colo morrem baleadas de fuzil. Foi a maior chacina do exército do americano no Vietnam documentada. Possivelmente, outras não. Isso há trinta quilômetros de onde eu estava, uma companhia igual a minha. No casa lá, o comandante era um tenente, tenente Colry. Eu gosto desse fato pelo seguinte, a

presença do repórter na guerra é um fator de inibição de violência. Perante uma máquina fotográfica, uma testemunha, um repórter, ninguém do exército vai fazer uma barbaridade, cometer uma crueldade. Ele se cuida porque ele acha que se ele fizer alguma bobagem, alguém vai denunciar porque a função do jornalista é esta. Eu pensei que essa coisa funcionasse, não funcionou no Vietnã, do lado do exército americano. Fui saber outro dia, vendo um programa na televisão a cabo, Discovery ou na National Geographic, a entrevista de um fotógrafo vietnamita, que cobriu a guerra do Vietnã do lado dos vietnamitas, do lado de Hanói. Esse camarada contou a seguinte história. Num belo dia, ele está lá no escritório dele, porque lá, no regime comunista, não tem jornalista, tem funcionário do governo. Ele era funcionário do governo, porém fotógrafo para documentar. Ele é chamado para documentar um momento histórico. O Vietcong tinha derrubado um avião americano e tinha capturado o piloto. Então, eles estavam com o piloto lá, os vietcongs em volta do piloto chamaram o camarada para fotografar aquele momento histórico. O camarada chega, o fotógrafo era uma pessoa tímida, devagarinho e foi olhando, foi olhando e viu aquele grupo de pessoas do exército do Vietnã do Norte e aquele americano no meio, que se destacava pelo tamanho, era um homem de dois metros, enquanto o pessoal do Vietnã era mais baixinho. Se destacou pelo tamanho, pela roupa, e ele foi chegando devagarinho para arrumar um ângulo para fotografar. E vê a cara do americano, o pavor que estava expresso na cara dele. O sujeito estava mostrando pelos olhos que estava apavorado, estava a ponto de desabar de insegurança, na certeza de que iria ser espancado, torturado, humilhado. No entanto, quando o americano olha e vê o camarada com a máquina na mão, o rosto dele muda completamente. Vai do horror para serenidade, na certeza de que ninguém vai cometer uma barbaridade na frente da câmera de um fotógrafo, de um repórter. Aí ele se descontraíu, ficou sereno e o camarada o fotografou. Então, eu acho que a presença do repórter na guerra é um fator de inibição de crueldade. A experiência que eu tenho, corroborada pelo depoimento desse fotógrafo vietnamita é essa. Quer dizer, a possibilidade do fato ser mostrado na imprensa ter repercussão, os militares, os soldados eles se inibem, eles se cuidam mais, sabe?

Qual o sentimento que passou pela sua cabeça quando foi ferido?

Eu tive três medos no Vietnã. O primeiro medo foi o medo de morrer, nas primeiras horas, nos primeiros dias eu pensei que morreria lá. O segundo medo foi o medo de ficar, assim, incapacitado fisicamente para ganhar a vida com o meu trabalho, me tornar uma pessoa dependente. E o terceiro medo é, assim, um pouco mais sofisticado, um pouco de frescura. Eu fiquei com medo de ser um repórter que

fez uma reportagem na guerra e depois não fez mais nada. Ainda eu comecei a trabalhar entrevistando enfermeira, médico, feridos e tal, para as reportagens da revista, e aí continuei a recuperação nos Estados Unidos, ainda de muleta sem perna mecânica e fiz uma reportagem lá sobre o assassinato do Robert Kennedy. Então, eu estava de muleta ainda não tinha perna mecânica. Logo que eu pus perna mecânica eu comecei a trabalhar intensamente para não deixar que aquele carimbo colasse em mim, de tal maneira que no Rio de Janeiro, num programa de auditório de televisão, eu ainda não estava na Globo e o programa de auditório com animador, né? Que fica aquele camarada "agora bate palma, agora grita". Então, uma entrevista muito animada sobre a minha participação na guerra do Vietnam. E o rapaz perguntou uma última coisa, "olha Zé Hamilton, você foi para o Vietnam, foi ferido lá, perdeu uma parte do corpo, mas continua repórter. Como é ser repórter com uma perna só". Eu falei "é mais difícil do que com duas, mas é mais fácil do que com quatro".

Vamos falar um pouco de telejornalismo. Gostaria que você comentasse um pouco a sua experiência em dois programas muito importantes que são o *Globo Repórter* e o *Globo Rural*.

Pois é, estando em Campinas, fazendo jornalismo em Campinas eu sou convidado para vir para o *Globo Repórter*. Aí chegando lá encontro três pessoas incríveis, o Whashington Novais, um grande ambientalista, o Paulo Gil Soares, que era o diretor do programa, um cineasta que já tinha feito documentários maravilhosos, inclusive, talvez o melhor documentário que existe sobre aquela capangada da polícia que matou o Lampião, Maria Bonita e aquele pessoal lá. Ele fez uma reportagem sobre isso, os matadores do Lampião. E nessa reportagem, ele tem a imagem das cabeças do Lampião e do seu grupo, cabeças essas que depois o governo militar mandou enterrar, talvez pressentindo que se um daqueles generais tomasse o poder no Egito mandasse enterrar as múmias. Ele tem esse documento das cabeças, né? Tem foto também, mas imagem talvez seja a única. Imagem em movimento. Paulo Gil e depois o Eduardo Coutinho, que é hoje considerado um dos maiores documentaristas do mundo. Então, o *Globo Reporter*, naquela época, isto foi começo de 1980, era um programa que não tinha lugar fixo na grade da Globo. Às vezes era na quinta-feira, às vezes era na sexta, às vezes na segunda. Variava em função da movimentação da grade. E quando a *Globo* comprava uma série de enlatados, documentários ou de minisséries americanas ou inglesas, o *Globo Repórter* saía do ar uma temporada. Então, depois de eu estar no *Globo Repórter* há um ano ou dois anos, chegou um momento que ele iria ficar fora do ar uns três meses. Eu era da base do *Globo Repórter* em São Paulo. A direção ficava no Rio.

Então me chamaram e disseram "olha, a base vai ficar fora do ar uns três meses e você tem de escolher um programa para se agregar nele enquanto não volta para o ar o *Globo Repórter*. Como você está em São Paulo, aí tem *Fantástico* e *Globo Rural*. Eu comecei no *Fantástico*, mas naquele momento o *Fantástico* estava numa fase muito policialésca e eu não me senti bem ali. Nem o *Fantástico* se sentiu bem comigo. Aí eu fui para o *Globo Rural* enquanto esperava. Mas eu cheguei no *Globo Rural* e vi que aquele programa não era um programa agrotécnico. Era um programa voltado para a alma do homem do campo. Quem dirá que a alma do homem do campo é melhor ou inferior a alma do homem da cidade? Então, é um programa de ambição jornalística a mais ampla. Não é só um programa agrotécnico. Ele olha o homem do campo do ponto de vista do lazer, da cultura, da diversão, dos conflitos pessoais, humanos, da família, enfim, é um programa voltado para a alma do homem do campo. Então, é um programa com uma ambição muito grande. E com um fator a mais, como é um programa da manhã de domingo e ele não tem um concorrente direto, é um programa chamado campeão de audiência, quer dizer, perto dele não tem nenhum concorrente direto, é um programa muito tranquilo em relação a ibope, muito tranquilo. Então, ele se pode dar um luxo de dar um tratamento nas reportagens, um acabamento melhor, um ritmo melhor. Porque o ritmo do telejornalismo brasileiro, especialmente da *Globo*, do jornalismo diário, é um ritmo muito tenso, é um pique muito danado, que atormenta um pouco o espectador. Às vezes desconcentra o espectador. O *Globo Rural* procura fazer as reportagens com um ritmo mais voltado para o ritmo da natureza. Tem hora que chove, tem hora que para de chover, tem hora de plantar, hora de capinar, hora de colher. Então, procura ter um ritmo mais natural. Isto permite que se faça no *Globo Rural* grandes reportagens, com acabamento, com música. Então, eu me acomodei muito, gostei do *Globo Rural* e quando o *Globo Repórter* voltou ao ar, me chamaram e aí eu tive de decidir por um ou por outro e acabei ficando no *Globo Rural* e não me arrependo.

E quantos anos já são de *Globo Rural*?

Eu fui para lá em 1981. O *Globo Rural* é de 1980.

Então são vinte e sete anos lá?

Vinte e sete anos.

E, ao longo desse tempo todo, o que te deu mais prazer de fazer?

Bom, devo dizer que quando eu chego no telejornalismo da *Globo* ainda se usava filme. Era câmara de filme e o filme tinha aquelas latinhas de onze minutos. A gente saía para uma viagem, às vezes para o Pantanal, e levava, digamos, dez

latinhas para fazer um monte de coisas. Então você ficava controlando, porque aquelas latinhas tinham vários problemas. O primeiro era o seguinte, você abria uma latinha e punha na câmera, começava a gravar sem certeza de que estava gravando, porque podia estar com defeito o filme, ter entrado uma luz na hora de trocar. Você gravava sem saber se tinha aquilo mesmo ou se não tinha. O segundo problema é que era limitado. Você tinha onze minutos naquele rolinho, acabou o filme, não tem mais o que fazer. O outro problema é que aquele material tinha de ser relevado no laboratório e depois ir para a televisão. E na hora da edição era aquela agonia, porque você tinha que pegar aqueles tamanhos de filmezinho assim e colar com cuspe um no outro, para fazer edição, né? Raspava, punha cola, colava, tirava com tesoura. Era um negócio artesanal a edição. Com a chegada da fita, das câmaras com fita, as fitas com gravadoras, chamava-se camcorder, câmara com gravador junto, isso deu um ganho ao telejornalismo. No caso o *Globo Rural*, que eu vivi lá mais, mas começou isso no *Globo Repórter*. Eu estava no *Globo Repórter*, aliás a primeira reportagem do *Globo Repórter* com fita fui eu que fiz em Serra Pelada. A primeira reportagem do *Globo Repórter* toda ela feita com fita. Então, a diferença é muito grande, porque com fita você tem o monitor e você faz uma passagem, essa coisa do repórter falar para a câmera. Se ela não ficar boa, você apaga e faz de novo, tantas vezes quanto quiser. Até outro dia, por curiosidade, eu perguntei para um câmera da *Globo*, que faz o *Globo Repórter*, *Fantástico*, *Jornal Nacional*, muito experiente, qual era o record de repetição de passagem que ele pessoalmente tinha visto. Ele falou "olha, o record, na minha mão, são trinta e três tentativas. Na trigésima quarta, deu certo". Um repórter de primeiro nível na *Globo*. Então, a possibilidade de você repetir, te permite fazer passagem. No caso do *Globo Rural*, você começa a falar de uma vaca, aí a vaca passa, ela berra, o passarinho pia e tudo no quadro. Então, deu um ganho no telejornalismo fantástico. Além do fato de que você gravava as outras coisas, olhava imediatamente e falava "não tá bom. Vamos gravar de novo, vamos fazer essa cena de novo". Então, eu vivi essa passagem de colar o filme com cuspe, na *Globo*, agora gravação e reportagem com disco. Você sai com um disquinho e grava. E agora está começando a edição digital, não linear, está começando agora, mas dizem lá, internamente, que não vai mudar nada do ponto de vista da qualidade pro telespectador. Esse salto tecnológico que a fita deu, a tv digital não vai dar. Quer dizer, é uma facilitação assim de edição de imagem e tudo mais, mas o telespectador não vai perceber nada.

E teve alguma matéria do *Globo Rural* que você gostou especialmente de fazer?

O *Globo Rural* ele convive com gente simples, aí dos grotões, dos sítios, do interiorzão. Então, você convive com personagens interessantes. Tem um, por exemplo, um cara que era produtor de leite da Bahia. Estava fazendo uma reportagem com ele lá e ele falou "Olha, seu José Hamilton, logo que terminar a reportagem você vai lá na minha casa, você tem que conhecer a minha mulher, porque vale a pena conhecer minha mulher, ô pessoa boa". O cara se chama José Herculano. "Olha Zé, não é assim". "Ah, vamos lá, a gente toma um café, ela faz um bolo". "Ah, vamos". Aí terminou a reportagem fomos na casa dele, chegamos lá o carro parou, tinha, assim, uma varandinha, a mulher na cozinha já ouviu vozes e falou "Oh, Zé Herculano, quem táí", "é o pessoal da reportagem", "oh, entra aí" e lá vem ela da cozinha toda esparolada, né? Uma loira, muito loira, muito decotada e se jogou de abraços sobre mim, sobre o câmara, sobre o motorista, aquela alegria, aquela luz do sol. E o Zé Herculano, olhando para ela extasiado. Ela ficou brilhando algum tempo e o homem falou "ó bem, vai lá fazer um café". E aí ela se afastou para a cozinha e ele falou para mim "olha, o senhor não vai levar a mal, a minha mulher é assim muito divertida, muito espontânea, mas é uma pessoa séria. O senhor não vai se confundir não". E continuou "ela é assim porque isso é própria da mulher e vem do tempo da criação do mundo". Aí ele explicou que quando Deus foi criar o mundo, ele modelou o Adão de barro e quando o Adão estava pronto soprou na boca do Adão. O Adão abriu aqueles olhos lerdos assim. Aí Deus passou a mão num balde cheio de juízo, botou e jogou na cabeça do Adão, o juízo desceu até a cabeça e foi até o pé. Aí o Adão levantou e saiu andando para comer suas goiabinhas. Aí Deus foi fazer a mulher, fez e exagerou nas curvas, diz o Zé Herculano. Mas na hora que estava pronta, Deus soprou na boca e a mulher ganhou vida. Aí percebeu que estava nua, maliciosa e saiu correndo. Não deu tempo de Deus jogar o juízo na cabeça, mas mesmo assim Deus passou a mão no balde, pegou e jogou na cintura. Como diz o Zé Herculano, da cintura para baixo, a mulher administra muito bem. Agora, pra cima, ela precisa de uma ajuda [risos]. Evidente que não é minha opinião, isso é uma brincadeira, mas isto me leva também a dizer uma coisa que tinha que dizer. Eu peguei também no jornalismo esse fenômeno interessante que foi a entrada da mulher na redação. Quando eu entro na *Folha* à noite não tinha nenhuma mulher, mas tinha duas ou três mulheres na *Folha*, mas cuidavam do suplemento feminino, um negócio de literatura, mas não pegava no breu da reportagem, porque se dizia que a redação "não é lugar para mulher porque ela se portar como mulher, ó que perigo, se ela se portar como homem, ó que horror". Não era o seu lugar na redação. Tinha um jornal em São Paulo nessa época, o *Diário de São Paulo*, dos *Diários Associados*. O jornal fechava às onze horas da noite. Aí, eles afastavam as mesas da redação e formavam um

jogo de futebol com bola de papel de bobina. E o pessoal tirava a roupa e ficava só de cueca. Tirava calça, paletó, ficava de cueca e jogando futebol na redação até às altas horas porque não tinha mulher. Então podia ficar de cueca porque só tinha aquela homalhada, né? Mas aí a mulher começou a entrar na redação por onde? Pela escola de jornalismo. No momento em que os cursos de comunicação se consolidam no Brasil, antes mesmo da obrigatoriedade do diploma, a mulher passa a ter o contato com a profissão através da escola. E uma vez formada e ao longo do curso entrando em contato com as redações, aí o ingresso dela foi sendo paulatino. Quando vem a obrigatoriedade do diploma, aí sim, aí começou o avanço da mulher nas redações. Eu fiz um livro para o Sindicato de Jornalistas de São Paulo, chamado *Jornalistas, de 1937 a 1997*. E neste livro eu fiz um estudo do avanço da mulher na imprensa de São Paulo. Então, isso tem uma curva que vai até 1997 e eu dizia lá "se essa curva continuar nessa mesma inclinação, quando chegar em 2030 não vai ter mais menino na redação. Só menina, se continuar essa curva de avanço da mulher na redação. Esse avanço continua. Hoje, a maioria das redações já é de mulher, algumas televisões inteiras, *Globo News* quase tudo é mulher, a *Futura* também quase tudo é mulher, grandes programas da *Globo* são dirigidos por mulher. Então, o avanço da mulher é muito grande, mas eu não acho que vai chegar a esse nível de só ter menina, não ter menino, porque isso não aconteceu em lugar nenhum do mundo. Eu acho que vai chegar a um ponto de equilíbrio, né? Os homens vão ter uma porcentagem menor, mas vão continuar existindo por um bom tempo. Porque como dizem as mulheres, apesar de tudo, o homem é necessário.

Há uma fórmula para boa reportagem?

Eu tenho uma fórmula, meio de brincadeira, mas para visualizá-la eu vou pegar um papel. A grande reportagem é igual a BC mais BF vezes T vezes T linha elevado a N. Essa aqui é a fórmula. Se der para pegar depois...então é o seguinte, GR, grande reportagem, é igual ao seguinte, BC mais BF, quer dizer, tem que ter um bom começo e um bom final. Tem que ter um bom começo, porque senão o leitor não continua. Senão tiver um bom começo, senão tiver anzol para fisgar o leitor, ele vê aquele começo, está ruim, ele não continua, não lê mais o resto. E tem que ter um bom final para a reportagem não acabar em morte súbita. Ele tem que acabar no alto, ela tem que acabar com a sensação de um filme bom de cinema. Você fica no cinema e "puxa, que pena que acabou, podia continuar mais um pouco". Então, tem que ter um bom começo e um bom final. E o que põe no meio? No meio põe T vezes T linha elevado a N. T é talento e T linha é trabalho. N é a potência necessária, quer dizer, tem que por ali no miolo talento e trabalho de

informação, de pesquisa, de imagem, de vocabulário, tudo suficiente para aquilo seja agradável, honre o começo e o final, que não deixe cair a peteca. Então, é trabalho e talento a potência N. Qual é a potência N? É a potência necessária. Então, quanto de trabalho e de talento? O necessário. Você trabalhar um dia, dez dias, vinte dias, o necessário que for trabalhar ali. E o talento também, quanto mais, melhor. Quanto a potência N, uma boa definição é a seguinte, diz que a rainha Elizabeth tem um carro, não sei se atualmente ele dirige, mas ela própria dirigia. Era um carro tipo uma peruca, assim, um jipão. E esse carro ele foi calculado, projetado para não parar em nenhum obstáculo. Seja na lama, no barro, numa pedra, esse carro não pára para a rainha não correr o risco de parar num obstáculo e a rainha ser abordada por pessoas estranhas ou ser sequestrada. O carro tem uma potência que não pára em lugar nenhum. Então, chegaram para perguntar a rainha, "rainha, qual é a potência do seu carro?". Ela disse "é a necessária". Nem mais, nem menos. Então, qual é a potência do talento e trabalho? É a necessária.

José Hamilton, o que é ser repórter?

Repórter é aquele negócio, é ter a ilusão de que você vai mudar mundo e que você tem o trabalho de ir onde a notícia está acontecendo para observar bem, ouvir as pessoas e depois contar direito.

Qual sua opinião sobre essa iniciativa de resgate da memória do jornalismo brasileiro?

Eu acho que toda iniciativa de resgate da história é muito importante porque a gente tem que aproveitar as lições da história para continuar avançando. Quem não conhece a história corre o risco de repetí-la desnecessariamente ou entrar por algum desvio. Então, conhecer a história é um fator básico, fundamental da civilização.

José Hamilton, que nomes a gente não pode esquecer na história do jornalismo?

Pois, é. Mino Carta, eu acho que o Sachetta vocês deveriam ouvir na figura do filho dele.

É o Wladimir?

É. Wladimir Sachetta. Ele é um historiador da imprensa, tem muita documentação e é uma pessoa interessante. Tinha uma figura belíssima, mas vocês chegaram tarde, ele está vivo ainda, mas está vacilando, que é Mazini Guimarães, Mário Mazzini Guimarães. Ele foi diretor da *Folha* nesse momento em que a *Folha* fez a virada

para ser um grande jornal brasileiro e ele próprio um grande repórter, prêmio Esso várias vezes. Mas, infelizmente, ele está com mais de noventa anos e a memória está vacilando. Bom, na parte de rádio e televisão tem uma pessoa importante em São Paulo, Fábio Perez. Ele trabalhou nos Diários Associados, trabalhou no primeiro grande jornal de rádio falado do Brasil, de São Paulo, que era o *Jornal Falado Tupi*.

Ele fazia o *Globo Rural*?

Às vezes ele faz alguma coisa para o *Globo Rural*. Mas ele fez o *Jornal Falado Tupi*, depois foi um dos repórter *Esso* da televisão e do rádio, e foi durante quinze anos editor chefe do *Jornal Nacional* da Globo. Pegou todo o tempo da ditadura. É uma pessoa reservada, sabe muita coisa, mas fala menos do que sabe, ao contrário de mim, que fala mais do que sei, mas ele eu acho que seria interessante. Ele conviveu durante todo tempo do *Jornal Nacional* com essa dupla Cid Moreira e Sérgio Chapllin e o outro, esse que está na Record agora, o Celso de Freitas. Outro dia o Celso de Freitas procurou e falou, "o Fábio, o Cid Moreira está comendo muito alho, eu não aguento ficar com ele no estúdio, aquele cheiro de alho", porque alho é bom para voz, disseram para o Cid Moreira. "O que eu faço?". Aí o Fábio falou para ele "você toma um copo de óleo aí fica a dupla alho e óleo. Pelo menos dá um tempero bom".

José Hamilton, um dia você foi à PUC [Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro] no lançamento daquele livro *As Grandes Reportagens e você contou uma história que achei muito engraçada e que vou pedir para você repetir, das três grandes lições do jornalismo.*

Nesses cinquenta anos de reportagens, agora, cinquenta e dois, e quando eu fiz cinquenta anos de reportagem, na *Globo*, eu cheguei para trabalhar disseram "ó, não é para você ir para redação, é para você ir para sala tal que está tendo um seminário". Cheguei lá estava tendo um seminário, vários jornalistas da *Globo* de todo o país lá. Sentei lá atrás e quando faltavam cinco para o meio dia, o coordenador disse "olha, nós vamos encerrar agora o seminário e vocês vão ver um vídeo." Aí no telão lá aparece um vídeo sobre mim, um vídeo de três minutos. "Ah, o Zé Hamilton, quem é e quem não é, na *Globo* e tal". Aí o pessoal bateu palma. Aí no dia seguinte eu fui avisado que ia almoçar com o diretor geral da *Globo*, Otávio Florisbal. Ele ia dar um almoço em São Paulo e vinha do Rio toda chefia do jornalismo. Aí eu fui a esse almoço. E a *Globo* é dividida por centrais, vocês sabem. Mas, a mais importante é a CGB, Central Globo de Boatos, onde a gente fica sabendo quem está grávida, quem fui convidado pela *Record*. Esse negócio do almoço com o Florisbal circulou na CGB e bateu no banco, tem um agência lá do Bradesco. E a Mariana, uma sub-gerente gorda, uma mulata gorda, muito

carinhosa, me viu entrando e me parou. "Zé Hamilton, Zé Hamilton, você está doente?". Ora, se uma pessoa pergunta se você está doente, você já fica em dúvida. "Não Mariana, estou normal, por que?". "Porque firma grande quando faz homenagem para funcionário antigo ou ele vai ser mandado embora ou está com câncer. Infelizmente, você não está doente, então vai ser só mandado embora". Mas logo em seguida, participando de um seminário, um estudante me perguntou, o que eu aprendi nesse tempo todo de reportagem, cinquenta e poucos anos de reportagem. "Olha, eu aprendi três coisas. Primeiro, azeitona preta é tingida. Segundo, em geral, torneira quente nos banheiros é a da esquerda. E que de ovo de cobra não sai canário". Você pega um ovo de cobra e põe para chocar e não espere boa coisa. Fora disso, tem que aprender todo dia, senão fica para trás. Hoje em dia o que você sabe hoje, não serve para amanhã.